

À Plendor, cujo espírito incandescente guia os caminhos esquecidos de Uriath, ofereço este manuscrito como o sangue da memória derramado na página — não apenas para recordar Melissa, mas para dar voz ao ventre esquecido da terra que a gerou e tragou.

Aqui repousa a história da filha que não foi esposa, da oferenda que caminhou em carne viva, ferida e incandescente, cujo nome ecoa entre sombras e vestígios: Melissa. Também falo da noite que respirou após o crepúsculo dela — Sabrina, a criança que foi promessa e maldição, a madrugada que ardeu entre os dedos do destino.

No âmago do inverno que não respeitava estações, quando os ventos uivavam através das muralhas antigas do castelo, o rei definhava sem nome, sem causa aparente, como uma chama que se apaga a um sopro invisível. Seus olhos, outrora faróis de autoridade, tornaram-se poços vazios, eclipsados por uma sombra que nenhum artífice ou mago ousava nomear. O palácio, lugar de glória e júbilo, transformou-se em sepulcro antecipado, onde o tic-tac dos relógios parecia prantear junto com os suspiros abafados dos que ali habitavam.

Melissa, a filha do rei e da terra, ainda criança em anos, já era sacerdotisa do desespero. Com mãos trêmulas e mente consumida, ela buscava nos tomos encadernados em couro, nas folhas amareladas pelo tempo, a fórmula que libertasse seu pai do abraço gélido da morte. Medicina ancestral, arcanismo esquecido, alquimia dos primórdios e até mesmo a necromancia interdita — todos os saberes proibidos foram exaustivamente desvelados sob sua vigília solitária.

As noites tornaram-se longos ritos de oração não dita, de súplicas que não atingiam o céu, de lágrimas que não afogavam a angústia. Certa madrugada, o silêncio foi quebrado por um lamento que perfurava a alma: o rei sangrava, não de feridas visíveis, mas de um sangue profano que tingia o ar de agouro. A rainha, tomada pelo desespero, clamava pelos deuses surdos e pelas forças

invisíveis, enquanto Melissa, prostrada ao chão frio da câmara, lançava seu último pedido aos vazios celestiais, esperando uma resposta que não chegava.

Foi então, sob o leito do rei, onde o pó da história esquecida repousava, que um grimório repousava, encoberto pela penumbra e pelo silêncio. Aquele livro, herança de pactos antigos, era uma serpente dormindo — seu couro antigo e suas páginas marcadas por símbolos que pulsavam como veias negras, oferecendo-se como a última porta para o impossível. Era um presente e uma maldição, um legado selado por um amigo ausente ou talvez por forças ainda mais velhas do que o próprio tempo. Naquela noite em que a escuridão parecia fechar o cerco sobre o castelo, Melissa preparou-se para o que não havia mais nome ou esperança que explicasse. A invocação foi feita com o sangue frio da dúvida e o calor da urgência, traçada em um círculo preciso de símbolos riscados com punhal sobre o chão frio da câmara oculta.

O ar se encheu de uma névoa densa, carregada de um odor metálico e de um silêncio tão absoluto que parecia dilacerar o tecido do mundo. Então, do limiar entre o visível e o invisível, surgiu uma entidade — envolta em trevas que não se dissipavam, moldada pela sombra e pelo vento, com olhos que não refletiam luz, mas devoravam a esperança. O diálogo foi breve e cruel. A criatura não prometeu a cura, não ofereceu misericórdia. Propôs um pacto — um comércio sombrio de almas e destinos.

“Olho por olho, dente por dente,” disse a voz sem forma, arrastada e firme.

Melissa, ainda jovem, mas com a determinação que ultrapassava a infância, respondeu com clareza que não deixava espaço para dúvida: ofereceu a própria alma para salvar a vida do pai, sabendo que seu corpo permaneceria — mas que algo dentro dela já havia morrido. Não houve celebração nem alívio. A entidade impôs uma condição: para que a vida fosse devolvida ao rei, Melissa deveria preparar uma poção, uma sopa feita com ingredientes colhidos na floresta próxima — ervas noturnas, raízes mortas, flores que só nasciam sob a lua. Cada elemento trazia em si um custo invisível, um preço oculto.

A jornada para coletar aqueles ingredientes foi marcada por horrores silenciosos. Espíritos selvagens, forças da floresta corrompida, surgiram para assombrá-la. A narrativa dos fatos é discreta, porém a profanação de sua inocência é explícita — uma violação do sagrado que o corpo de Melissa representava, um rito de passagem por um templo destruído. Ainda assim, resistiu. Carregou seu corpo ferido como uma cruz até o castelo, onde, entre febres e tremores, preparou a sopa conforme a entidade havia ordenado.

Ao dividir a poção com seu pai, o rei recuperou a saúde, seu sangue deixou de tingir o ar com presságios, mas Melissa caiu sob o peso de uma doença nova — um mal que não conhecia remédio, que a arrastaria por quatro dias entre a vida e a morte. Nos quatro dias em que a febre consumia Melissa, a entidade retornou, não mais como sombra distante, mas como presença viva e inevitável. Visitava-a entre o claro e o escuro, impondo o entendimento do contrato que ela, com sangue e alma, havia selado.

Explicou-lhe com voz firme e fria: a cura do rei foi possível porque sua enfermidade fora transferida para Melissa. Sua alma, agora marcada pela criatura, já não pertencia apenas a si. E, como parte do acordo, deveria servir fielmente à entidade, usando seus dons recém-adquiridos para curar o povo, tornando-se um instrumento de poder oculto e temor. Inicialmente, a filha do rei aceitou seu destino com silêncio e determinação, tratando de sarar corpos e aliviar dores com métodos que fugiam à compreensão dos demais. Mas o murmúrio do povo logo se transformou em voz, e a voz em grito: “bruxa”, “amaldiçoada”, “inimiga da coroa”.

O rei, já restabelecido, viu seu nome e trono manchados por esses sussurros. A pressão da corte e do povo o forçou a agir contra sua própria filha.

Aos treze anos, Melissa estava grávida. Não havia pai para aquela gestação, não havia explicação natural. Os médicos confirmaram, os magos sussurraram rumores que circulavam como veneno. Diziam que sua união fora com a própria escuridão. O povo, em fúria crescente, exigia sua morte. O rei, acuado, submeteu Melissa a um julgamento público. Diante de todos, ela não negou sua bruxaria; ao contrário, admitiu-a com uma calma que parecia desafiar a própria condenação.

Ao final do julgamento, ao pedir perdão ao pai, Melissa conjurou uma névoa espessa e protetora, que a envolveu e ocultou dos olhos que buscavam sua destruição. Sob o manto da névoa, desapareceu, fugindo para o norte, onde a entidade lhe havia ordenado buscar refúgio. Na solidão dos bosques do norte, Melissa enfrentou a progressão lenta e inexorável da gravidez. Seu corpo, já frágil e marcado pelo pacto, resistia com dificuldade à demanda da vida que crescia em seu ventre. A criança não tinha pai, e sua existência era um mistério que carregava tanto promessa quanto maldição.

Em meio àquela jornada, Melissa clamava desesperadamente pela vida do filho, implorando à entidade que lhe concedesse essa graça. Mas o patrono — implacável e inflexível — exigia um preço em troca: vida por vida. Sem hesitar, Melissa ofereceu a sua própria existência. A entidade aceitou, mas não sem selar um compromisso: protegeria a criança como filha sua, guardiã entre os mundos.

Gabriel, um bruxo enviado pela entidade, tornou-se o guardião e amigo de Melissa. Ao seu lado, ela revelou o nome que dera à filha: Sabrina.

No crepúsculo do dia em que Melissa expirou, consumida pelo parto e pela fraqueza, Sabrina nasceu sem vida aparente. Porém, no instante exato em que a última luz do sol se apagou no horizonte, a criança respirou — seus olhos, de um violeta profundo, abriram-se para um mundo que já não seria o mesmo.

Gabriel tomou para si a missão de criar Sabrina, ensinando-lhe os caminhos da magia e da sombra. Ela cresceu entre o humano e o sobrenatural, marcada por uma herança que era ao mesmo tempo bênção e condenação. Aos dezessete anos, Sabrina fez seu próprio pacto, assumindo o nome que selaria sua identidade: Sabrina Lunis Von Le Fey.